



ENTRE ENCANTOS E DESENCANTOS: ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO E A RACIONALIDADE MODERNA

Queite Marrone Soares da Silva¹
Greicielle Soares da Silva²

Resumo: O presente trabalho propõe alguns apontamentos acerca da construção do conhecimento e a racionalidade moderna, destacando as contribuições de alguns pensadores para produção do conhecimento, e como este por sua vez, entra em crise quando se choca com as questões culturais, modos de vida e crenças, peculiares em meio à diversidade. O caminho para esta reflexão perpassa as explicações advindas da religião, dos seres transcendentais e do mito. Aspectos ligados as idéias do idealismo, experimentalismo e empirismo também apresentam suas contribuições nesse processo de problematização. A partir do uso da razão como instrumento de explicação da realidade social, a natureza é separada do sagrado e do humano, há um busca lógica dos sentidos, onde a razão se auto-justifica pelos argumentos. A ciência moderna se torna uma forma de desvendar o mundo e explicitá-lo, por outro lado, entra em crise ao se chocar com determinadas concepções de vida, o nosso objetivo é fazer alguns apontamentos sobre este cenário, levando para um debate posterior, as seguintes questões: De que modo a produção do conhecimento científico dialoga com os conhecimentos tradicionais? Qual o papel social da universidade nesse processo de democratização do conhecimento na construção da cidadania, com justiça e igualdade social?

Palavras-Chave: Construção do Conhecimento; Racionalidade; Crise.

1 Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Montes Claros. Mestranda em Desenvolvimento Social pelo Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros. Pesquisadora voluntária no Projeto de Extensão “Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares - ITCP/ UNIMONTES - CEPEX nº 077/2007”. E-mail: keitymarrone06@yahoo.com.br

2 Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Montes Claros. Mestranda em Sociedade, Ambiente e Território no Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG em associação com Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Pesquisadora voluntária no Núcleo Interdisciplinar de Investigação Socioambiental - NIISA. Email: greicytstoares123@hotmail.com.





A UNIVERSIDADE E MODOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO - PARA QUE DESENVOLVIMENTOS?

INTRODUÇÃO

Problematizar as contribuições da produção do conhecimento para a efetivação da cidadania, com justiça e igualdade social é de interesse especialmente da comunidade acadêmica que busca refletir sobre a construção da racionalidade, as crises do conhecimento, e os constantes processos que são inerentes a ciência moderna. Deste modo, é fundamental compreender os diálogos estabelecidos entre as diferentes concepções de conhecimento, e questionar o papel da universidade nesse processo de democratização.

Na trajetória da produção do conhecimento, podemos destacar a importância da religião, da intervenção do mito e de seres transcendentais e sobrenaturais, para a explicação dos fatos e da realidade. Mas o desejo de explicar tudo ao redor e a busca lógica dos sentidos, contesta as explicações divinas e sobrenaturais, de modo que, ao não se usar o mito para as possíveis explicações, sendo estas, justificadas através de argumentos, a natureza é separada do sagrado e do humano e é colocada na objetividade material. Houve esforço para explicar a realidade sem o uso do mito, acreditava-se que a realidade era inesgotável.

A ciência moderna se torna uma forma de desvendar e ordenar o mundo, onde se encontra a atribuição das ordens de sentido e o caminho para a significação das coisas, um instrumento da produção das verdades. Mas a verdade não deve ser absoluta, ela é mutável, pois não deve impedir os caminhos para as novas verdades. Assim, há uma ruptura entre a ordem divina, humana e natural, sendo o homem um ser fundamental para revelar o que está oculto, utilizando para isso a ciência.

Mas em alguns momentos, esta ciência entra em crise ao se chocar com crenças e concepções de mundo. A nova forma de produzir verdades, busca a separação do sagrado e da natureza, contrariando o que se costumava fazer e entrando em choque com crenças, costumes e concepções; além disso, outros fatores nos fazem refletir sobre as possibilidades de crise da racionalidade moderna, pretendemos neste trabalho, fazer alguns apontamentos que contribuam para a compreensão destas questões apresentadas.

O mito e a intuição compreensiva da realidade: alguns apontamentos sobre a construção do conhecimento e do surgimento da filosofia

O mito se constitui como uma das primeiras formas de explicação do mundo, sendo a sua verdade resultante de uma intuição compreensiva da própria realidade. Várias são as formas de mito, como os mitos indígenas que tinha como objetivo garantir tanto a tradição quanto a sobrevivência material e cultural do grupo, sendo exemplos, os mitos relacionados a origem da



A UNIVERSIDADE E MODOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO - PARA QUE DESENVOLVIMENTOS?

agricultura, da fertilidade das mulheres, entre outros. Embora alguns estudiosos tenham atribuído ao mito o caráter de inconsciente, outros como Lévi-Strauss, apresentam a dimensão estruturalista do mesmo, sendo o mito uma forma de reafirmar as estruturas da própria sociedade.

De acordo com Lévi-Strauss (2004, p. 31) “não podemos mostrar como os homens pensam nos mitos, mas como os mitos se pensam nos homens e à sua revelia”. Os gregos também apresentavam seu pensamento através do místico, sendo essa prática exercida não apenas no passado, mas ainda persistindo na atualidade para os diferentes grupos étnicos-culturais, assim, a transcendência foi e ainda hoje é utilizada para explicar os acontecimentos.

Esse processo de conhecimento é transmitido de geração em geração por meio da tradição e do convívio humano, ou seja, pelo processo de humanização, sendo essa característica uma das formas que diferencia os seres humanos dos animais. A ação do ser humano é motivada pela inteligência e pelo conhecimento transmitido ao longo do processo de aprendizagem, podendo ser compreendido como um processo cultural, uma vez que a cultura se constitui como aquilo que o ser humano constrói ao longo de sua vivência com seu grupo, sendo esta produzida coletivamente, estando presente nas práticas, nos valores, nos teorias e toda a forma de viver e pensar de determinado grupo social.

Com o passar do tempo, o processo de “evolução” da sociedade começa a ser definido pela própria superação dos modos míticos e religiosos de explicação do mundo, sendo considerados primitivos aqueles que utilizam o mito para explicação de sua realidade ou dos fenômenos ocorridos. Essa forma de definição dos estágios das sociedades deve-se ao processo de ‘inferiorização’ dos mitos e a oposição do mesmo pela racionalidade. No entanto, é importante ressaltar que o mito ainda deve ser considerado como uma forma essencial da expressão do homem e dos grupos sociais.

De acordo com Aranha (2009) três fatores são fundamentais para a mudança de pensamento do homem ao longo do tempo: a invenção da escrita, destinada a privilegiados; o surgimento da moeda que se vincula ao nascimento do pensamento racional crítico; e a consolidação da democracia, que possibilitava a participação direta dos cidadãos aos processos de tomada de decisões. Com essas mudanças históricas, inicia-se uma nova forma de pensamento, sendo conduzido pelos primeiros filósofos.

Os primeiros questionamentos referentes à filosofia, segundo Aranha (2009 p. 40), vinculam-se com os questionamentos sobre o surgimento do universo, que a princípio é explicado pelo nascimento de deuses, mas com a Filosofia, passa a ser abordado na perspectiva da “racionalidade constitutiva do universo”. No entanto, ainda de acordo com a autora, o pensamento filosófico se relaciona com o próprio mito, sendo apresentado por alguns autores, que a filosofia se constitui





A UNIVERSIDADE E MODOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO - PARA QUE DESENVOLVIMENTOS?

como continuidade do mito.

Embora com suas semelhanças, Aranha (2009, p. 41) apresenta que a filosofia também buscar romper com o mito, uma vez que enquanto este último apresenta uma explicação por meio de narrativa sem questionamento de seu conteúdo, o pensamento filosófico rompe com o mito, na perspectiva em que problematiza e “convida à discussão”.

A filosofia rejeita o sobrenatural, a interferência de agentes divinos na explicação dos fenômenos. Ainda mais: a filosofia busca a coerência interna, a definição rigorosa dos conceitos; organiza-se em doutrina e surge, portanto, como *pensamento abstrato*. (ARANHA, 2009, p. 41)

É inerente aos homens o desejo de explicar tudo ao seu redor, no entanto a razão contesta as explicações divinas e sobrenaturais, tornando o mito insuficiente e muitas vezes irracional para determinadas explicações, que por sua vez, ocorre por argumentos, sendo o “pensar relacionamente”, sinônimo da palavra razão.

O período pré-socrático, segundo Aranha (2009 p. 152), inicia o processo de desligamento entre a filosofia e o pensamento mítico, sendo apresentado por Sócrates a ideia de que “só sei que nada sei”. Sócrates pregava a necessidade de se reconhecer a própria ignorância e a de buscar o saber.

Platão (1991) trata da necessidade de explicar os sentidos, para conhecer é preciso objetivar, o homem precisa sair das estruturas, assim, vai caracterizando as causas inteligíveis dos objetos físicos, através dos diálogos. As idéias sendo perfeitas e imutáveis consistiriam em modelos dos quais as coisas materiais seriam apenas cópias imperfeitas e transitórias, tipos ideais, que transcendiam o plano mutável dos objetos físicos. Assim, tudo que está no mundo dos sentidos está sujeito a desintegração. No mundo da idéia encontramos imagens padrão e imutáveis, esta concepção foi chamada de Teoria das idéias de Platão. Conhecer era quantificar, mas muitas coisas não podiam ser quantificadas, como o amor, o ódio, os sentimentos, então houve a necessidade de separar a natureza do mundo humano, em busca de explicações lógicas para os fatos.

Platão (1991) destaca que precisamos usar os instrumentos da razão, uma vez que conhecer o mundo das idéias é ter maiores possibilidades de explicação da realidade. Conhecer é o ato de reconhecer algo, assim, usa o mito da alegoria da caverna, para explicar como surge o conhecimento, fazendo uma comparação entre o mundo das sombras e a projeção do real, onde o pensamento existe no mundo das idéias.

A alegoria da caverna dramatiza a ascensão do conhecimento, complementando esquema da linha dividida. Descreve um prisioneiro que contempla, no fundo de uma caverna, os reflexos de simulacros que — sem que ele possa ver — são transportados à frente de um fogo artificial. Como sempre viu essas projeções de



A UNIVERSIDADE E MODOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO - PARA QUE DESENVOLVIMENTOS?

artefatos, toma-os por realidade e permanece iludido. A situação desmonta-se e inverte-se desde que o prisioneiro se liberta: reconhece o engano em que permanecera, descobre a “encenação” que até então o enganara e, depois de galgar a rampa que conduz à saída da caverna, pode lá fora começar a contemplar a verdadeira realidade. Aos poucos, ele, que fora habituado à sombra, vai podendo olhar o mundo real: primeiro através de reflexos — como o do céu estrelado refletido na superfície das águas tranquilas —, até finalmente ter condições para olhar diretamente o Sol, fonte de toda luz e de toda realidade. (1991, p.29)

Na caverna, os prisioneiros só enxergavam as sombras projetadas na parede, um prisioneiro ao se soltar das amarras e sair da caverna, perceberia a realidade em si, e teria pena daqueles que viviam na escuridão e não podiam contemplar o real. Porém, aqueles que ficaram na caverna e não tiveram a chance de ver o real, não acreditaria no que o outro poderia afirmar.

Segundo Aranha (2009, p. 154) a alegoria da caverna representa as etapas da educação de um filósofo, que busca o conhecimento verdadeiro ao sair do mundo das sombras (das aparências). No entanto, podemos dizer também que se trata de uma analogia, onde os prisioneiros somos nós, presos em nossas limitações sobre o conhecimento, e a caverna o mundo de pré-noções que nos aprisiona. O mundo fora da caverna seria o real, e para percebermos esta realidade, precisaríamos do mundo das idéias, desconstruindo conhecimento a muito construído.

Segundo Aranha (2009 p. 157), Aristóteles usava a denominação *filosofia primaria*, sendo a ciência definida como conhecimento verdadeiro e se constituindo pelos princípios da *indução* e da *dedução*. Para Aristóteles³ tudo que existe tem uma causa, o avô foi à causa do pai, e o pai do filho, por exemplo. Para ele, tudo que existe em nossa consciência, foi experimentado antes pelos sentidos, nada estaria no intelecto antes de passar pelos sentidos, nossos pensamentos estaria repleto de experiências de sentido, discorda de Platão e da sua interpretação sobre a “oposição entre o mundo sensível e o mundo inteligível”, que nos leva a entender que tudo na natureza, existe primeiro no mundo das idéias.

Durante a Idade Média, com a ordem feudal, a Igreja ocupava um alto posto com relação às questões políticas e também espirituais. Segundo Aranha (2009 p. 160) “a igreja representava um elemento agregador, numa época em que a Europa estava bastante fragmentada”, dessa forma, um dos grandes questionamentos feitos pelos intelectuais da época pautava-se na relação existente entre a razão e a fé, ou seja, entre a filosofia e a teologia.

Nessa perspectiva, surge, com a expansão do cristianismo, a corrente *Patrística*, sendo a filosofia dos padres da Igreja Católica que buscavam converter aqueles que eram considerados pela igreja como “pagãos” e combater as heresias praticadas. Um dos principais pensadores dessa

corrente, segundo Aranha (2009, p. 161) foi Agostinho que retomou a dicotomia apresentada por

3 ARISTÓTELES. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/cesima/schenberg/alunos/paulosergio/teologia.htm>. Acesso: 15 de jul. 2014.





A UNIVERSIDADE E MODOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO - PARA QUE DESENVOLVIMENTOS?

Platão entre o “mundo sensível e o mundo das ideias”, segundo os pensadores dessa corrente, os seres humanos recebem de Deus o conhecimento da verdade eterna.

No entanto, de acordo com Aranha (2009, p. 161), com várias mudanças ocorridas ao longo do tempo, o segundo período medieval, conhecido como Baixa Idade Média, ameaça romper com a igreja, trazendo tempos de contestação e de debates sobre a autonomia da razão. Com esses acontecimentos, a filosofia cristã ganha novas expressões, surgindo então a corrente *escolástica*, tendo Tomás de Aquino como um de seus principais pensadores, “embora continuasse a valorizar a fé como instrumento de conhecimento, Tomás de Aquino não desconsidera a importância do “conhecimento natural” (ARANHA, 2009, 162)

Modernidade e o paradigma da Racionalidade: A racionalidade científica e a produção do conhecimento

O período da modernidade pauta-se no Renascimento e é desenvolvido na Idade Moderna, onde o racionalismo e o poder da razão se constituem como principais características. Uma das preocupações apresentadas nesse período, segundo Aranha (2009) é o *método*.

Descartes (1996) é contemporâneo de uma revolução científica, ao escrever o “Discurso do Método”, tinha receio de seu discurso ser desaprovado pela igreja, uma vez que se faz necessário lembrar do Giordano Bruno⁴ que ao começar questionar trechos do cristianismo, a fim de contribuir com o surgimento do pensamento moderno, foi queimado na fogueira por não se retratar.

Para Descartes (1996), a razão é a única coisa que distingue o ser humano dos animais, sendo o pensamento a única coisa que está em seu poder, “*eu penso, logo existo*”, assim, para existir é preciso pensar. Nossos juízos não são puros como seriam se tivéssemos tido inteiro uso de nossa razão desde a hora do nosso nascimento. Os quatro preceitos fundamentais do método proposto por Descartes são: primeiramente, evidência, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e só conhecer qualquer coisa como verdadeira após o conhecimento devido; segundo, análise, as dificuldades metódicas devem ser resolvidas por partes, para facilitar a sistematização; terceiro, ordem, os pensamentos devem seguir um ordenamento, dos objetos mais simples aos mais compostos; por fim, enumeração, fazer em toda parte revisões tão gerais, e nada omitir.

Uma das teorias importantes para a questão do conhecimento é apresentada por John Locke, denominada de *tabula rasa*, onde o autor faz críticas à doutrina das ideias inatas apresenta

4 Giordano Bruno nasceu em 1548 num vilarejo chamado Nola, na Itália. Seu nome original era Fillipo Bruno, no entanto, por sua própria decisão, assumiu o nome - Giordano Bruno - com o qual inscreveu sua figura na História das Ciências, das Artes e da Filosofia. Esse padre, filósofo, cientista, poeta, astrônomo, alquimista, dramaturgo e, acima de tudo, grande pensador, foi um polemista apaixonado, que pagou com a própria vida a ousadia de defender idéias que a Igreja Católica não admitia e que mais tarde seriam consideradas precursoras do moderno pensamento filosófico e científico. Disponível em: http://www.giordanobruno.com.br/palavra_historico.asp. Acesso em: 25 de jul de 2015.



A UNIVERSIDADE E MODOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO - PARA QUE DESENVOLVIMENTOS?

por Descartes. Segundo Locke o conhecimento só a partir das experiências sensíveis é que o conhecimento pode se iniciar, dessa forma, se as ideias fossem inatas, as crianças não precisariam passar pelo processo de aprendizagem. Locke apresenta duas formas possíveis das ideias, a *sensação* e a *reflexão*. (ARANHA, 2009, p. 175)

Nessa perspectiva, Immanuel Kant apresenta uma filosofia denominada de *criticismo*, colocando a razão em debate, questionando o que pode ser julgado como conhecimento legítimo e o que pode ser considerado como conhecimento sem fundamento. De acordo com Aranha (2009) o conhecimento, segundo Kant, é constituído pela experiência (*a posteriori*) e aquilo que já existe em cada um independente das experiências (*a priori*).

A partir das críticas feitas por Kant à metafísica, surgem duas linhas divergentes, sendo a primeira constituída pelos materialistas e pelos positivistas e uma segunda constituída pelos idealistas. A primeira linha é aquela que possui maior relevância para discussão aqui apresentada. Dentre os materialistas podemos destacar Karl Marx e Friedrich Engels que enfatizam a ideia do *materialismo histórico*, sendo a razão consequência da história e a verdade construída no tempo, também apresentam a ideia de *dialética*. Na perspectiva do positivismo Comte afirma que a ciência é a forma mais adequada e apropriada de conhecimento. (ARANHA, 2009, p. 183)

O positivismo apresenta a crescente valorização da ciência e a concepção do *cientificismo*. Além disso, o positivismo acredita na essência da “ordem” para o alcance do “progresso” de uma sociedade, nesta escola de pensamento, citaremos as contribuições de dois pensadores importantes, Comte (1983) e Durkheim (1999), e suas contribuições para a produção do conhecimento.

No “*Curso de Filosofia Positiva*”, Comte (1983) aborda a organização social e política como luz da razão, sendo que a sociedade só poderia ser organizada através de uma reforma intelectual, por meio de novas formas de pensar, que deveria imperar entre os homens. Interessamos especialmente, ressaltar as leis dos três estados, excludentes entre si: teológica, metafísica e positiva. No primeiro, a explicação das coisas ocorre mediante as crenças na intervenção de seres sobrenaturais (deuses e espíritos), uma vida semelhante a do homem é atribuída aos seres, junto à crença em seres invisíveis e um mundo superior; no segundo, forças substituem as divindades, ocorre a dissolução do estado teológico, o abstrato no lugar do concreto e a argumentação no lugar da imaginação; por fim, no último estado, ocorre a dissolução do metafísico, surge a idéia da observação, considerando impossível a redução dos seres em um só princípio, é necessário uma investigação do real, “ver para prever”. Ressalta ainda, que a classificação das ciências ocorre de acordo com a maior ou menor simplicidade do seu respectivo objeto.

Durkheim (1999) desenvolveu um método para o estudo dos fatos sociais, a primeira regra, consiste em considerar os fatos sociais como coisas, eles devem ser estudados de fora, como coisas





A UNIVERSIDADE E MODOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO - PARA QUE DESENVOLVIMENTOS?

exteriores, ou seja, é preciso afastar das nossas noções e idéias que regulam a nossa conduta, é preciso ver o real. As coisas sociais só se realizam através dos homens, pois são produtos da atividade humana, são realizações de idéias que trazemos em nós, o reconhecimento deste método é fundamental para o progresso da sociologia. Afirmo ainda que

[...] se quisermos seguir uma via metódica, precisaremos estabelecer os primeiros alicerces da ciência sobre um terreno firme e não sobre areia movediça. É preciso abordar o reino social pelos lados onde ele mais se abre a investigação científica. Somente a seguir será possível levar mais adiante a pesquisa e, por trabalhos de aproximação progressivos, cingir pouco a pouco essa realidade fugidia, da qual o espírito humano talvez jamais possa se apoderar completamente. (p.47).

A base de todo método científico é descartar as pré-noções, como fez Descartes por meio da dúvida metódica. Toda investigação científica objetiva um determinado grupo de fenômenos, é preciso definir as coisas de que se propõe tratar, a fim de compreender a questão. Assim, o ponto de partida da ciência ou conhecimento especulativo não poderia ser outro que o do conhecimento vulgar ou prático. Por fim, o observador precisa se afastar dos dados sensíveis para atingir a objetividade. (DURKHEIM, 1999).

Com base nestes apontamentos, podemos perceber como as diversas contribuições para a construção e entendimento do conhecimento, se complementam, ou se divergem entre si. Em Platão (1991) o pensamento está no mundo das idéias, e essa é uma forma de sairmos do mundo das sombras para a percepção do real. Em Descartes (1996) o pensamento é a única coisa que está em nosso poder “o penso, logo existo!”, sendo a razão um meio de nos diferenciar dos animais, além disso, desenvolve o método da dúvida metódica, na tentativa de nos afastar das nossas prenoções, ao produzir conhecimento. Comte (1983) nos afirma que a luz da razão está na organização social e política, sendo necessária uma revolução no pensamento do homem. Por sua vez, Durkheim (1999) em seu método, nos mostra que é preciso considerar os fatos sociais como coisas exteriores, afastando das nossas noções e idéias que regulam a nossa conduta, para de fato conseguir ver o real.

Um dos questionamentos que se apresenta com o surgimento da racionalidade é “o que é a verdade?”, sendo o falso e o verdadeiro expressão do juízo de valor empregado na argumentação. Com o objetivo de discutir esse questionamento, encontra-se duas correntes, o *dogmatismo* e o *ceticismo*. O dogmatismo se divide em *dogmatismo do senso comum*, sendo suas verdades não questionadas, e o *dogmatismo filosófico*, que critica o senso comum e que acredita que a “razão pode alcançar a certeza absoluta” (ARANHA, 2009, p. 112). Na perspectiva do *ceticismo*, embora a certeza seja impossível, a busca pela verdade não deve ser abandonada.

Na busca de caminhos para a explicação dos fatos, fenômenos e coisas, a razão e o método





A UNIVERSIDADE E MODOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO - PARA QUE DESENVOLVIMENTOS?

científico são vistos como primordiais para o entendimento da construção do conhecimento. Neste processo, percebem-se conflitos existentes entre as diferentes concepções de mundo e formas de conhecimento, assim, faremos alguns apontamentos sobre a construção da racionalidade e a produção do conhecimento.

Sobre o critério da verdade, Aranha (2009 p. 115) cita grandes intelectuais, como Karl Marx, que pautou sua teoria na perspectiva de que as ideias são compreendidas por meio do contexto histórico de vivência, sendo esse contexto resultado das condições materiais, ou seja, dos fatores e das forças produtivas da sociedade. A autora também apresenta a ideia de Nietzsche de que o “conhecimento não passa de interpretação, de atribuição de *sentidos*, sem jamais ser uma explicação da realidade”.

Nesta perspectiva, Madel (1989) apresenta questões teóricas e conceituais relevantes sobre a sociedade moderna e a racionalidade científica, destacando a história da relação dos homens com as coisas materiais e a totalidade de discursos especializados, como traços importantes da racionalidade científica moderna. Assim, realiza análise das rupturas e continuidades, teóricas e conceituais, tendo como objetivo refletir a historicidade do progresso da racionalidade científica.

A autora enfatiza a multiplicação de disciplinas como um traço da racionalidade moderna, assim, é dado à ciência, o legado de antecipar os movimentos, explicar, intervir e ordenar. A natureza da racionalidade moderna é a ordenação do mundo, trata-se da razão sobre a natureza, a busca por uma nova ordem de sentidos, um novo modo de produzir verdades, a ciência passa a ser considerada como enunciado de verdades, mas o conteúdo da verdade não é perene, se fosse, impediria novas verdades, deste modo, as regras de sua produção são mais importantes do que o processo de verificação. (MADEL, 1989).

A posição epistemológica de Santos (2005) é antipositivista, para ele, o conhecimento científico é socialmente construído, sendo que sua objetividade não significa necessariamente neutralidade, assim, defende que no geral, após a ciência ter rompido com o senso comum, ela deve se transformar em um senso comum novo e mais esclarecido.

Desta forma, discorre sobre a existência de um paradigma dominante, uma ordem científica no domínio das ciências naturais, ao qual ele critica os seus princípios epistemológicos que não consideram o senso comum e os estudos humanísticos, e sim o interesse pela dominação e controle da natureza, a quantificação e a medição com rigor, onde a sua verdade busca a manipulação e a transformação do real; uma forma de conhecimento utilitário, mecanicista e funcional, visto como o único modelo válido de conhecimento. (SANTOS, 2005).

Weber (1982) ao tratar da *Ciência como vocação* destaca a necessidade do dom e da vocação íntima para com a ciência, da necessidade de realizá-la com dedicação exclusiva e paixão, com





A UNIVERSIDADE E MODOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO - PARA QUE DESENVOLVIMENTOS?

o coração e alma, a ciência suscita novas perguntas, pede para ser superada, mas discorre que a ciência tem entrado numa fase de especialização que antes era desconhecida, assim, o aumento da racionalização e da intelectualização não indicam um conhecimento maior sobre os quais vivemos, questiona-se assim o preparo científico.

Madel (1989) destaca que o primeiro rasgo da racionalidade moderna foi a atitude antropocêntrica que caracteriza o humanismo de um lado e o naturalismo do outro, a separação da ordem divina, humana e natural, acompanhada da iniciativa do homem, de desvendar, desbravar e explorar, traz para o homem o papel de revelar o oculto por meio do conhecimento.

Descobrir a ordem oculta da natureza não significa contemplar, para maior glória de Deus e iluminação do espírito humano, uma criação estabelecida pela eternidade. Significa, ao contrário, recriar continuamente, através da busca de evidências empíricas e de significados racionais que se encaixam uns nos outros, uma ordem de sentidos ou conjuntos de ordens de sentidos, que se constroem como quebra-cabeça. (p. 21)

De acordo com Carvalho (1989) nós temos que fazer uma demarcação objetiva do que é ciência, seria científico tudo que é possível verificar, assim, traz a discussão do Empirismo Lógico, onde os seus representantes aderiam a dois princípios: o princípio do empirismo, fundamentado na prática; e o princípio do logicismo, que valoriza como científico quando passível de formulação na linguagem lógica. Para o empirismo lógico a experiência é fundamental, assim, os significados e conceitos devem possuir uma base na experiência ou na observação, não se preocupando com a abstração, mas com o fundamento empírico do real. Nesta perspectiva, o pensamento idealista é contestado pelo empirismo, levando em consideração a idéia de que era preciso retirar o véu entre as idéias e a realidade.

Entre encantos e desencantos: crise da racionalidade moderna?

Vários pensadores questionaram e questionam para onde a ciência teria levado a humanidade com a construção conceitual da razão, se por um lado ela encanta, sendo a ordenação do mundo e representando a busca pelas verdades e por uma nova ordem de sentidos; por outro lado, nos causa um estado de desencantamento, a partir do momento que ela se choca com valores e visões de mundo, provocando uma constante fragmentação, de si e dos sujeitos.

A multiplicação de disciplinas, as novas especialidades científicas, a fragmentação do conhecimento, os discursos especializados, e a multabilidade de verdades como condição de produção de novas verdades, são traços da racionalidade moderna. A razão moderna se imagina como imagina o mundo, como uma máquina engenhosa, devendo antecipar os movimentos, explicar,





A UNIVERSIDADE E MODOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO - PARA QUE DESENVOLVIMENTOS?

intervir e ordenar. A natureza da racionalidade moderna trata-se da razão sobre a natureza, um novo modo de produzir verdades, a ciência passa a ser considerada como enunciado de verdades. (MADEL, 1989).

Citando brevemente o Habermas (2009), vale ressaltar que este aborda o dualismo científico entre as ciências naturais e humanas, destacando que a lógica científica se articula com o estado atual de auto-reflexão das ciências nomológicas e das ciências hermenêuticas. Assim, acredita que a ciência da lei da técnica de normatizar, possibilitaria circunscrever à práxis vital e a esfera do agir instrumental. Além disso, Habermas (2009) ressalta que as profundas diferenças existentes nas abordagens metodológicas do espírito cientificista, nos confundem e nos enganam, devido a sua multiplicidade, de forma que a ciência cria mecanismos para a busca de uma verdade que atenda um determinado fim, para tanto, a crítica da “lógica das ciências sociais” pode ser entendida como a lógica instrumental representando a razão como instrumento de dominação.

De acordo com Foucault (1999) as práticas sociais podem construir saberes, e estes por sua vez, criam novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, e o mais importante, fazem nascerem novos sujeitos e sujeitos de conhecimento, sujeitos que possuem uma história, assim como a própria verdade também possui. Para ele,

Só pode haver certos tipos de conhecimento, certas ordens de verdade, certos domínios de saber a partir de condições políticas que são o solo em que se formam o sujeito, os domínios de saber e as relações com a verdade. (p. 27)

Destaca que o conhecimento não tem uma origem, mas que ele foi inventado, ou seja, o conhecimento não está escrito e terminado na natureza humana, o conhecimento seria resultado do afrontamento, da luta entre os instintos do homem, de forma que os instintos se encontram, se batem, e no término disto, algo é construído, o conhecimento é um processo, pois ele não apenas se constrói, ele é construído ao mesmo tempo em que constrói o ser humano, sendo uma via de mão dupla. Assim, existe uma relação de luta, de dominação, de subserviência, de compensação, entre o instinto e o conhecimento, complementa ainda, uma relação de violência, de cominação, de poder e de força, de violação. (FOUCAULT, 1999).

Para Madel (1989) os conflitos são importantes na busca pelo conhecimento, é no conflito que se constrói, é uma condição para o progresso. Ele ocorre na ruptura de visão de mundo, na transformação das relações e costumes, o novo sempre em conflito com o vigente. Um exemplo claro de conflito, é percebido na santa inquisição, quando o Renascimento inaugura um momento de mudanças, modificação de costumes e idéias, colocando o homem no centro, desligado do domínio dos deuses e proprietário da natureza. A fragmentação dos sujeitos é apontada como um sinal de avanço da racionalidade científica sobre a sociedade moderna. A ruptura mais significativa





A UNIVERSIDADE E MODOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO - PARA QUE DESENVOLVIMENTOS?

teria sido a ruptura do próprio sujeito de conhecimento, os sentidos, as vontades, a razão e as paixões.

Santos (2005) afirma que nós perdemos a confiança epistemológica, questiona sobre o papel do conhecimento científico sobre as nossas vidas, e a necessidade de criação de novos paradigmas para a ciência e a construção do conhecimento. Discorre que o conhecimento científico, “fecha as portas a muitos outros saberes sobre o mundo, o conhecimento científico moderno é um conhecimento desencantado e triste que transforma a natureza num autômato, ou, como diz Prigogine, num interlocutor terrivelmente estúpido.” (p. 53) As ciências naturais como padrões dominantes do conhecimento, possuem teorias explicativas, leis universais, são objetivas e produzem previsões, estes são obstáculos que as ciências sociais constantemente têm que superar, pois diferente das ciências naturais, não possuem consenso paradigmático.

Destaca que o modelo de racionalidade científica está em crise profunda e irreversível, pois o rigor ao quantificar desqualifica, reprime o valor humano, e interioriza o sujeito. Além disso, a parcelização do objeto, a especialização da ciência, a irredutibilidade das totalidades, e a industrialização da ciência, provocaram um desencantamento, uma estratificação na ciência, contribuindo para as relações de poder. Desta forma, explicita o seu pensamento sobre o assunto, dizendo que

[...] a crise do paradigma da ciência moderna não constitui um pântano cinzento de cepticismo ou de irracionalismo. É antes o retrato de uma família intelectual numerosa e instável, mas também criativa e fascinante, no momento de se despedir, com alguma dor, dos lugares conceituais, teóricos e epistemológicos, ancestrais e íntimos, mas não mais convincentes e securizantes, uma despedida em busca de uma vida melhor a caminho doutras paragens onde o optimismo seja mais fundado e a racionalidade mais plural e onde finalmente o conhecimento volte a ser uma aventura encantada. (SANTOS, 2005, p. 58).

Sobre a temática, Weber (1982) por sua vez, afirma que o mundo foi desencantado, entende-se que a princípio tudo pode ser dominado pelo cálculo, não há forças misteriosas, não buscamos explicações em meios mágicos, deixamos por conta dos meios técnicos e os cálculos, isto é a intelectualização, que acrescentada à racionalização, representam os destinos de nossos tempos, provocando o “desencantamento do mundo”, o homem racional constrói sua própria “jaula de ferro”, o qual estaria / está condenado a viver.



A UNIVERSIDADE E MODOS DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO - PARA QUE DESENVOLVIMENTOS?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos apontamentos feitos podemos destacar a racionalidade em torno da conquista pelo conhecimento sobre o domínio da natureza, a natureza é separada do sagrado e do humano, há um busca lógica dos sentidos, onde a razão se auto-justifica pelos argumentos e pelos experimentos, o homem se apropria da natureza, para conhecê-la e dominar-la.

O caminho da construção do conhecimento perpassa as explicações advindas da religião, dos seres transcendentais e do mito, podemos destacar ainda, os aspectos ligados ao idealismo e ao mundo das idéias e depois o mundo dos sentidos, o experimentalismo e o empirismo e o uso da razão como instrumento de explicação da realidade social. As questões são mais complexas do que se possa dizer aqui, contudo, a pretensão do presente trabalho foi levantar alguns apontamentos / questionamentos sobre a temática, admitindo a necessidade de um estudo mais amplo.

A ciência moderna se torna uma forma de desvendar o mundo e ordená-lo, um instrumento da produção das verdades; mas em alguns momentos, entra em crise ao se chocar com determinadas concepções, questões culturais, modos de vida e crenças, o desejo de explicar tudo ao redor, e a busca lógica dos sentidos, contesta as explicações divinas e sobrenaturais, essas relações criam conflitos, por outro lado, estes conflitos seriam importantes na busca pelo conhecimento, seria uma condição para o progresso da ciência.

A verdade da ciência, não deve ser considerada absoluta, ela é mutável e por isso, não deve impedir os caminhos para as novas verdades, entre as características da racionalidade científica, podemos citar a multiplicação de disciplinas, as especialidades científicas novas, a fragmentação do conhecimento, os discursos especializados, a multabilidade de verdades como condição de produção de novas verdades, entre outras.

Cabe a razão, antecipar os movimentos, explicar, intervir e ordenar, um novo modo de produzir verdades, um enunciado de verdades. Uma das características do desencantamento da ciência estaria relacionada ao fato de que esta, fecha os olhos para outros saberes no mundo, como o conhecimento tradicional. Se considerando única, fragmenta os sujeitos, interiorizando-os de modo a reprimir o seu valor enquanto humano, assim a ciência, de tanto quantificar, desqualifica-os. Além disso, as estruturas de estratificação na ciência e nas formas de produção do conhecimento contribuem para as relações de poder, de forma que a racionalidade, a dominação dos cálculos e das técnicas provocou / provoca um desencantamento do mundo, situação esta, criada pelo próprio homem, o qual ele mesmo terá que conviver.





REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofando: Introdução à filosofia**. 4ª ed. São Paulo: Moderna, 2009.

ARISTÓTELES. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/cesima/schenberg/alunos/paulosergio/teologia.htm>. Acesso em: 15 de jul. 2014.

CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de. A construção do saber científico: Algumas posições. In: **Construindo o Saber – Metodologia Científica: Fundamentos e Técnicas**. 2ª ed. Campinas/SP: Papirus, 1989.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva**; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 264 p. (os pensadores).

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. A verdade e as formas jurídicas. Rio de Janeiro: Nau Ed, 1999.

HABERMAS, Jürgen. **A lógica das ciências sociais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido**. São Paulo: Cosav e Naify, 2004.

MADDEL, Therezinha Luz. Objetivos, bases e orientações: Racionalidade Científica e História; A Construção da Racionalidade Científica Moderna. In: **Natural, racional, social: razão médica e racionalidade científica moderna**. Rio de Janeiro, Campus, 1989.

PLATÃO; PESSANHA, José Américo Motta. **Diálogos**. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores).

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso sobre as Ciências**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos, 1982.